O CASO WIKILEAKS: DESAFIOS AO HISTORIADOR DO TEMPO PRESENTE

DILTON CÂNDIDO SANTOS MAYNARD*

Ao final da primeira década do século 21 o site Wikileaks.org causou constrangimentos diplomáticos e desafiou os historiadores. A página tem um nome inspirado no idioma havaiano, um apelido que sugere os perigos que ela comporta. "Wiki-wiki", muito rápido, é o modo como os mantenedores deste sítio eletrônico podem difundir informação. Criado oficialmente em 4 de outubro de 2006, o portal parece destinado a realizar alguns dos maiores pesadelos de políticos e homens de negócios. Nas últimas semanas de 2010 a diplomacia internacional foi abalada, graças ao Wikileaks, que divulgou em sua página centenas de documentos elaborados por autoridades norte-americanas sobre países como Rússia, Bolívia, Venezuela, Itália, Argentina, Paquistão, Afeganistão, Iraque, França, Alemanha. Conseqüência imediata disto, uma impressionante perseguição policial de dimensões internacionais ganhou os jornais e vieram à tona conflitos até então silenciados pela mídia. Entre eles, sinais de uma guerra cibernética sem precedentes.

Esta pesquisa aborda dois desdobramentos centrais deste caso. Primeiro, é válido refletir sobre as possíveis ressonâncias que tal vazamento de documentos tem na diplomacia mundial; segundo, quais os desafios que o historiador do tempo presente enfrentará diante de fontes como estas, disponibilizadas pelo Wikileaks.

O escândalo provocado pelos telegramas trocados entre embaixadas, chamado pela imprensa mundial de "Cablegate", criou constrangimentos ao expor, através de documentos oficiais, estereótipos, arrogância e avaliações superficiais produzidas por funcionários que deveriam ajudar os EUA a entender o mundo que eles se esforçam

* Professor da Universidade Federal de Sergipe (UFS) e Professor Colaborador do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Rio de Janeiro (PPGHC/UFRJ). Doutor em História pela Universidade Federal de Pernambuco. Este trabalho é fruto de atividades do projeto "A cibercultura e suas apropriações pela nova extrema-direita Sul-Americana", financiado pela FAPITEC, desenvolvido no âmbito do Grupo de Estudos do Tempo Presente (UFS/CNPq). E-mail : dilton@getempo.org

para controlar. Segundo José Ignacio Torreblanca, em artigo publicado no jornal *El País*:

> *Ahora, sabiendo, primero, que sus comentarios y opiniones eran atribuidos en su literalidad a la fuente y, segundo, que las Embajadas no pueden preservar ni proteger sus identidades, los diplomáticos encontrarán un gran vacío a su alrededor cuando quieran dejar a un lado su papel ceremonial y de representación y entrar en materias de sustancia. Después de las filtraciones de Wikileaks, las Embajadas tendrán que cambiar su manera de trabajar si quieren sobrevivir. Muy probablemente, Wikileaks haya clavado el último clavo en el ataúd de la diplomacia clásica* (TORREBLANCA, 2010).

Estaria mesmo a diplomacia clássica ameaçada por uma página da Internet? A liberação de documentos coordenada por Julian Assange provocou debates sobre a liberdade de expressão, críticas e muita desconfiança quanto ao nível de policiamento no mundo contemporâneo. O desconforto gerado por milhares de documentos disponíveis à Imprensa, mas também ao cidadão comum, resultou em declarações inflamadas de alguns líderes, em espanto e, ao mesmo tempo, colocou em xeque a capacidade de órgãos norte-americanos na salvaguarda dos segredos de Estado. Como periódicos do mundo todo noticiaram, os registros falam do Premiê italiano Sílvio Berlusconi como "um líder física e politicamente débil", entregue a "freqüentes longas noites" e inclinado a festas, o que impossibilita o devido descanso. O mesmo político é considerado um "porta-voz" de Vladmir Putin na Europa. Já o Primeiro-Ministro britânico David Cameron é, a partir da concepção do Presidente do Banco da Inglaterra, Sir Mervyn King, carente de "profundidade" (El Mundo, 2010).

O responsável à frente deste Tsunami diplomático, o jornalista Julian Assange, australiano nascido em 1971, australiano, montou seu quartel-general na Rua Grettisgata, em Reykjavík, na Islândia, considerada uma espécie de "Suíça dos bytes" (HARDING & LEIGH, 2011:77). O site http://www.wikileaks.org foi originalmente hospedado na Suécia. Assange possui um *staff* pequeno. Não mais do que cinco pessoas trabalham diretamente com ele e em tempo integral. O imenso restante é formado por colaboradores, por voluntários que muitas vezes têm as suas identidades mantidas em sigilo. Os ciberativistas mais importantes na organização são identificados apenas pela

letra "M". Porém, uma pergunta que poderia ser levantada inicialmente é: por que a Wikileaks amedronta? Isto é, outros espaços virtuais podem divulgar informações, listas de e-mails com denúncias aparecem recorrentemente. Blogs e páginas de relacionamentos disponibilizam para download supostos documentos confidenciais e até mesmo filmagens. Por que, então, a Wikileaks ganhou tanta visibilidade? A resposta, provavelmente, está em seu *modus operandi*.

Em primeiro lugar, a *Wikileaks* não trabalha sozinha. A página encontra sua credibilidade a partir de uma proveitosa rede estabelecida com alguns dos jornais mais influentes do mundo. Assim, antes de disponibilizar os registros, a notícia chega às páginas virtuais e impressas de periódicos como o *New York Times*, O *Der Spiegel*, o *The Guardian* e deles se espalha mundo afora. Esta estratégia é ligeiramente diferente do ato de simplesmente promover alguma denúncia na rede. O prestígio dos jornais funciona como uma espécie de certificado de qualidade. Além disto, deve-se lembrar que Julian Assange e sua turma só disponibilizam registros que passem por um processo de apuração. Os documentos são submetidos a uma avaliação, consultores são convidados a emitirem um parecer crítico sobre a autenticidade e relevância da documentação (CHRISTENSEN, 2009:37). Portanto, os relatos de atrocidades nos campos de batalhas do Iraque e do Afeganistão ou as suspeitas de que Fidel Castro recusou-se a fazer colostomia ganham credibilidade por procederem de documentos oficiais, analisados previamente. A Wikileaks se cerca de bons parceiros.

Por outro lado, os tremores produzidos pela Wikileaks encontram ecos em procedimentos jornalísticos clássicos. Como afirmou Manuel Castells, a exposição de informações confidenciais "é a fonte do jornalismo de investigação com que sonha qualquer meio de comunicação em busca de furos". Ora, casos como o Impeachment dos presidentes Richard Nixon (EUA, 1974) e Fernando Collor (Brasil, 1992) tiveram nesta prática um expediente fundamental: "a difusão da informação supostamente secreta é prática usual protegida pela liberdade de imprensa", lembra o sociólogo espanhol (CASTELLS, 2010). No fundo, o ineditismo da página está na rapidez, no alcance e na variedade de documentos disponibilizados.

Mas o que é possível encontrar na polêmica página? Em se tratando de documentos oficiais, de tudo um pouco. Há registros sonoros, relatórios, manuais, fotografias e e-mails. Entre os vídeos disponíveis está aquele resultante do *Project B*,

uma das incursões que ampliaram a visibilidade da página. O "projeto" consistiu na edição de 38 minutos de um filme supostamente criptografado e retirado de um dos helicópteros AH-64 Apache usados durante a Guerra do Iraque. As cenas, disponíveis e rapidamente reproduzidas em links espalhados por blogs e por redes sociais como *Orkut*, *Twitter* e *Facebook*, mostravam a ação desastrosa de tropas americanas, em 12 de julho de 2007, ao atacarem civis iraquianos julgando-os insurgentes. Na ocasião, duas pessoas ligadas à *Agência Reuters* que estavam num subúrbio de Nova Bagdá, também foram mortas a tiros de canhões 30 mm[1].

Incômodos como este criado pela página que se define como um portal de insurgência midiática, dedicada a denunciar políticos e homens de poder no mundo, alimentaram propostas de censura. Mas, numa intensidade diretamente proporcional a tais ameaças, a Wikileaks recebeu manifestações de apoio em diversas partes do globo e os colaboradores se multiplicaram. Hackers de diferentes países invadiram páginas consideradas seguras e remeteram arquivos ultra-secretos para o portal. Agora, ninguém parece estar a salvo. Sarah Palin, a ex-governadora do Alasca e potencial estrela da campanha presidencial norte-americana em 2012, teve a sua conta de e-mail (cadastrada no provedor *Yahoo*) invadida. O mesmo aconteceu com grupos extremistas como o Blood Honour e Aryan Nation. Dossiês sobre as perdas americanas no Afeganistão, sobre abuso de autoridade no Iraque e centenas de outros documentos, versando sobre os mais diversos assuntos, se acumulam na página. O Cablegate, porém, produziu impactos bem maiores.

Primeiramente pelo fato de que a leitura dos documentos expõe de maneira contundente os diplomatas em suas estratégias e, em certos casos, diagnósticos imprecisos e risíveis: "la filtración de Wikileaks difícilmente va a cambiar la política

1 Os mortos foram Saeed Chmagh, 40 anos, motorista e assistente e Namir Noor-Eldeen, 22 anos, um promissor fotógrafo, considerado um dos melhores na cobertura da Guerra no Iraque. O vídeo foi batizado de "Colateral Murder". É possível obtê-lo na página do Wikileaks e em páginas espelho. Eis aqui alguns destes endereços: wikileaks.fi – "Espelho" Finlândia [46.59.1.2];wikileaks.nl - "Espelho" Holanda [46.21.239.250];wikileaks.de - "Espelho" Alemanha [87.106.151.138];wikileaks.eu - "Espelho" Europa [88.80.13.160];wikileaks.pl - "Espelho" Polônia [88.80.13.160]; wikileaks.at - "Espelho" Áustria [46.59.1.2];wikileaks.lu - "Espelho" Luxemburgo [46.59.1.2];wikileaks.se - "Espelho" Suécia [88.80.6.179];wikileaks.no - "Espelho" Noruega [46.59.1.2]; wikileaks.is - "Espelho" Islândia[46.21.239.250]; nyud.net - "Espelho" Estados Unidos [129.170.214.192]; wikileaks.ca - "Espelho" Canadá [213.251.145.96]. Informações também são difundidas via twitter.com/wikileaks e facebook.com/wikileaks.

exterior de Estados Unidos, pero sí que va a tener un profundísimo impacto en la manera en la que trabajan los diplomáticos destinados en las Embajadas" (TORREBLANCA, 2010). Embora não contemplem os despachos entre a Secretária de Estado Hillary Clinton e o Presidente Barack Obama, a documentação "mais sensível" da política externa dos EUA, o pacote de registros causou alvoroço. Através dos comunicados, sabe-se que os agentes da Cia e das embaixadas dos EUA chamam Hugo Chavez de louco, Vladmir Putin é "Batman", Celso Amorim o "esquerdista". Qual o espanto? Aparentemente nenhum. Aliás, ao analisar o "Cablegate", Francisco Carlos Teixeira da Silva considerou que, visto em conjunto, o material postado pelo WikiLeaks é pobre, pois "os documentos estratégicos ficaram resguardados. Trata-se, em suma, de correspondência consular, muitas vezes redigida por agentes diplomáticos com pouca, ou nenhuma, familiaridade com o tema tratado ou com o país referido" (SILVA, 2011). A novidade está no fornecimento de provas, eliminando a idéia de mais uma teoria da conspiração. O que antes eram boatos, agora se mostra provado. Ao expor isto através do ciberespaço, ao fornecer as provas que os críticos necessitavam, ao permitir que as análises conjecturais produzidas pelos intérpretes da visão imperialista e policialesca fossem compartilhadas pelos alvos de suas observações, Julian Assange tornou-se uma estrela de primeira grandeza na política internacional e, ao mesmo tempo, viu-se enquadrado como perigoso terrorista virtual e um estuprador digno de ser perseguido pela Interpol[2]. A situação, de tão esdrúxula, fez com que uma feminista escrevesse que, pelos mesmos crimes de Assange, havia 1,3 milhões de homens só nos EUA, incluindo

[2] Julian Assange foi acusado por estupro leve. Conforme duas ex-parceiras, Assange teria se recusado a cessar o ato sexual após o rompimento do seu preservativo, além de ter agido com violência. Tudo começou após uma viagem do jornalista à Suécia, onde ele falaria no Seminário "War and the role of the media", organizado pelo Centre-Left Brotherhood Movement. Assange chegou a Estolcomo em 11 de agosto de 2010. Ali, acabou se envolvendo com duas integrantes do movimento (de nomes possivelmente: Ana Ardin e Sofia Wilen), sendo uma delas a responsável por recebê-lo e pelos contatos mantidos previamente por telefone e via Internet. Assange afirma que praticou sexo em consenso com as parceiras. O que parece ter complicado a sua situação é o fato da Suécia possuir uma legislação severa para os crimes sexuais, a possível vingança de suas parceiras que se descobriram enganadas pelo homem que idolatravam. Evidências para isto não faltam, chamando a atenção a festa oferecida para o "estuprador" por sua primeira vítima, dias depois do tal crime, com direito à postagem no Twitter: 'Sitting outside ... nearly freezing, with the world's coolest people. It's pretty amazing!". A postagem é da mesma mulher que, meses antes, colocou o texto *7 Steps to Legal Revenge* em sua página pessoal. ali se lê: "Step 7 says: Go to it and keep your goal in sight. Make sure your victim suffers just as you did". Sobre isto ver: THE *WIKILEAKS sex files: How two one-night stands sparked a worldwide hunt for Julian Assange. Disponível on line:* http://www.dailymail.co.uk/news/article-1336291/Wikileaks-Julian-Assanges-2-night-stands-spark-worldwide-hunt.html?ito=feeds-newsxml# acesso em 12/01/2011.

na conta uma fraternidade inteira da Universidade do Texas: "Terrorists. Go get'em, Interpol!", ironizou.

Nos Estados Unidos, políticos como o senador democrata Joe Lieberman têm se empenhado para que Assange seja levado aos país e lá julgado como espião (Cf. Wired, dezembro, 2010). Aliás, a ousadia do jornalista irritou não apenas a políticos norte-americanos. A censura ao site, que trouxe a público 250 mil documentos, alimentou propostas de intervenção na rede mundial de computadores, aumentou os boatos sobre planos para assassinar o líder da Wikileaks e, como observa Castells, fez ouvir "uma grita mundial generalizada de [*Hugo*] Chávez até [*Silvio*] Berlusconi, com a honrosa exceção de Lula e a significativa reação de [*Vladimir*] Putin" (SINGEL, 2010).

Em contrapartida, após a prisão de Assange, em 7 de dezembro de 2010, o ciberespaço experimentou ataques dos partidários da Wikileaks[3]. Os alvos foram páginas como a da Mastercard, Visa, Amazon – empresas que impossibilitaram o fornecimento de doações ao site através de seus cartões (os mesmos utilizados para alimentar as campanhas de neonazistas, da Ku Klux Klan e outros fascistas) e de governos que se declararam favoráveis tanto à caçada ao jornalista quanto à censura ao Wikileaks. Através da chamada *Operação Payback*, ofensivas do tipo DDOS (ação coordenada através da qual um grupo de computadores ataca um servidor)[4] foram lançadas de diferentes computadores. A partir daí, palavras como "hackers" e "ciberguerra" proliferaram nos noticiários velozmente. Quase na mesma velocidade, previsões de conflitos gigantescos e de um perigo iminente foram estabelecidas.

De suas casas, das escolas, dos shopping centers e do trabalho, de lan-houses e de praças públicas, de bibliotecas e universidades, um movimento ganhou força desde a prisão de Assange. Um grupo de hackers intitulado *Anonymous* iniciou a série de ataques a páginas governamentais, usando para isto de um recurso colaborativo. Escondidos atrás de máscaras de Guy Fawkes (a mesma usada pela protagonista do Filme *V for Vendetta*, 2006), rapazes e moças – jovens que parecem atender aos versos

3 Um ciberataque pode ser assim definido: "cyber attacks use software as a weapon launched over interconnected networks, to coerce an opponent or damage its ability to provide essential government, economic or military services. Advanced cyber weapons cause disruption or damage to data and critical infrastructure". LEWIS, J. A. The "Korean" Cyber Attacks and Their Implications for Cyber Conflict. Center for Strategic and International Studies. EUA,October 2009.p.1

4 No ataque tipo *DDoS* ou *Distributed Denial of Service* um conjunto de computadores é utilizado para desabilitar a operação de um ou mais serviços de uma rede de computadores ou até a própria rede. Cf. <http://cartilha.cert.br/conceitos/sec7.html> acesso em 19/03/2008.

da canção *Virtuality*, gravada pelos canadenses do Rush: "Net boy, net girl/Send your impulse 'round the world/Put your message in a modem/And throw it in the Cyber Sea" ("Garoto da rede, garota da rede/Enviem seus impulsos para o mundo/Coloquem suas mensagens em um modem/E joguem-nas no mar cibernético", Rush,1996). – apareceram protestando contra a prisão e exigindo liberdade de expressão na Web. Utilizando uma espécie de alistamento virtual, qualquer outro usuário que pretendesse ajudar na manifestação poderia cadastrar a sua máquina e participar dos ataques. Contudo, prisões ocorreram e, para o espanto de muitos, menores de idade foram apresentados como perigosos terroristas (Cf. GOMES, 2010: 134-138).

A ação do *Anonymous*, grupo que *não* surgiu por conta da prisão de Assange, ganhou adeptos em diversas partes do mundo justamente pelo fato dos ataques serem realizados através de diversos computadores – alguns deles são máquinas de pessoas que nem imaginam isto – em um cenário descentralizado. Em vídeos postados no Youtube, o grupo afirmou suas pretensões. "We are not a terrorist organization", avisavam em 9 de dezembro de 2010, em uma carta/manifesto, na qual também indicavam os seus possíveis alvos e repetindo que a Internet é das pessoas, não de governos ou corporações. Numa explícita inspiração cyberpunk, realizaram uma espécie de simbiose entre Max Headrom e Guy Fawkes num dos anúncios para celebrar a liberdade de Assange (em 16 de dezembro de 2010).

Os ataques, ameaças e manifestos dos hackers fizeram com que alguns analistas afirmassem que se vivia uma "ciberguerra". Porém, é preciso entender que aquilo que os militares vêem como ciberguerra (guerra de informação) pode ser melhor entendido como "ciberativismo" ou "hacktivismo". Uma clara evidência disto está no fato de que os ataques dos hackers tiveram efeitos menores do que os desejados. O objetivo não era retirar as páginas do ar permanentemente, tampouco prejudicar a capacidade logística de um país. Não foram paralisados aeroportos, hospitais, estações de metrôs ou sistemas energéticos. Os ataques são ligeiramente diferentes daquilo que se pode entender por Guerra de 4ª Geração. São distintos, por exemplo, dos ataques da Rússia à Estônia (2007) e Georgia (2009)[5], movidos por governos e não por indivíduos. Aliás, desde

5 Os ataques, iniciados em fins de abril de 2007, exemplificam a força que a Web ganhou. No primeiro caso, a retirada da estátua do "Soldado de Bronze", em homenagem ao Exército Vermelho, de Tallin fez com que uma poderosa investida fosse lançada de computadores espalhados pelo mundo. Conforme o New York Times, sabe-se que "uma ofensiva de duração de um mês que obrigou as autoridades estonianas a defender seu pequeno país báltico de uma afluência de dados que, segundo

2006, nada menos do que 63 ciberataques considerados "significativos" (LEWIS, 2009:1) foram oficialmente registrados a servidores norte-americanos (Cf. Significant Cyber Incidents Since 2006, 21 de outubro de 2010, via http://csis.org/about-us).

Entre os casos acima mencionados, estão as ofensivas de julho de 2009 contra páginas dos EUA e da Coréia do Sul, inclusive a sites governamentais, com forte suspeita de que a ação tenha a Coréia do Norte como autora. Meses antes, em janeiro, hackers, utilizando possivelmente cinco milhões de computadores, investiram contra páginas do governo e contra a infra-estrutura da Internet de Israel durante a ofensiva militar à Faixa de Gaza. As suspeitas são de que a ação foi executada por criminosos treinados na antiga União Soviética, mas paga pelo Hamas ou Hezbollah. Em fevereiro de 2009 o vírus "Confickr" invadiu os arquivos da Marinha francesa. O Anonymous está distante deste tipo de ação, que poderia ser entendida mesmo no lacunar conceito de "ciberterrorismo"[6].

Por sua vez, um defensor de uma maior atenção aos ambientes telemáticos, o Coronel Joe McConell (EUA) afirma a necessidade de retomar a lógica da Guerra Fria para que o conflito, que ele afirma estar sendo perdido pelos EUA, tenha um final diferente: "The United States is fighting a cyber-war today, and we are losing. It's that

---

alguns, foi acionada por ordens originadas da Rússia ou de fontes de etnia russa em retaliação à retirada da estátua. Os estonianos afirmaram que um endereço de internet envolvido nos ataques pertencia a um oficial que trabalha na administração do presidente da Rússia, Vladimir V. Putin. O governo russo negou qualquer envolvimento nos ataques, que praticamente paralisaram a infra-estrutura digital do país, obstruindo sites na web, do presidente, do primeiro ministro, do parlamento e outros órgãos governamentais, desestabilizando as operações do maior banco da Estônia e afetando completamente os sites de diversos jornais diários". LANDLER, Mark, MARKOFF ,John. Estônia protagoniza primeira guerra virtual. http://g1.globo.com/Noticias/Tecnologia/0,,MRP45961-6174,00.html. Acesso em 18/12/2010. Ver também: SHEETER, Laura. Estônia acusa Rússia de "ataque Cibernético" ao país. http://www.bbc.co.uk/portuguese/reporterbbc/story/2007/05/ acesso em 18/12/2010. Ver ainda: TEIXEIRA, Duda. Uma guerra pela Internet. **Veja**, 23 mai.2007.p.74-75. Internacional.

Já no ataque à Georgia, o alvo foi o blog de um professor de Sujumi, capital de Abjazia, região autônoma. As críticas do professor (nickname *Cyxymu*) ao governo russo e ao da própria Geórgia provocaram uma reação de dimensões suficientes para colocar em colapso o *Twitter* e o *Facebook*. Ver sobre isto: CALDERÓN, Verónica. El País. Disponível em: http://www.elpais.com/articulo/sociedad/Comienza/era/refugiado/digital/elpeputec/20090829elpepisoc_1/Tes. Acesso em 20/12/2010.

[6] Por cyberterrorismo podemos entender: "O cyberterrorismo visa ao computador como alvo ou como um instrumento de uma ação terrorista, realizada com um objetivo político, no cyberespaço, chamado infoesfera, ou espaço de fluxos de informação, realizados no âmbito da Internet, rádio, telefonia ou pulsos eletromagnéticos". CARDOSO, Carlos Leonardo Loureiro. Cyberterrorismo. In: SILVA, Francisco Carlos Teixeira da. **Neoterrorismo: reflexões e glossário**.Rio de Janeiro: Gramma, 2009.p.304

simple. As the most wired nation on Earth, we offer the most targets of significance, yet our cyber-defenses are woefully lacking" (McCONNEL, 2010). Antes mesmo das palavras de McConell, já se pode perceber a preocupação com ações cibernéticas, muito embora também seja gritante a dificuldade em definir o que pode ser feito. As preocupações expressas no Projeto de resolução 54/49 da 54ª Assembléia Geral das Nações Unidas, que procura contemplar atividades "na infoesfera e na área de telecomunicações no contexto de segurança internacional", aprovado na 55ª sessão (20 dez. 2000), estabeleceram inclusive a necessidade de "elaborar principios internacionales que aumenten la seguridad de los sistemas de información y de telecomunicaciones mundiales y ayuden a luchar contra el terrorismo y La delincuencia en la esfera de la información"" (UNESCO. A/RES/54/4923, diciembre de 1999).

O que pode representar esta retomada da Guerra Fria como paradigma? Em primeiro lugar, evidencia a tentativa em estabelecer novamente a estratégia de um "perigo iminente" e da necessidade de investimentos vultosos em orçamentos militares, pois somente desta maneira o mundo, sobretudo o "American Way of Life", estaria seguro. Em segundo lugar, é quase indisfarçável a intenção em promover um conjunto de medidas que assegurassem a proeminência dos Estados Unidos nas ações do ciberespaço.

Uma interpretação hiperbólica, talvez um tanto histérica, como a do Coronel McConell, este discurso inflamado que encontra ressonâncias em outros especialistas e jornalistas, dificulta uma observação mais cuidadosa e facilita a apropriação da História. Ora, a argumentação de que se devem tratar estes tempos como os de Guerra Fria, como se vivêssemos um retorno, não se sustenta por diversos fatores. Um deles, é que a luta não é mais simétrica quando o assunto é vulnerabilidade (LEWIS, 2009:5). Diferente dos anos 1940-1990, não há um cenário bipolar, tampouco se pode dizer que há uma equiparação tecnológica entre os países envolvidos num possível conflito.

Mesmo assim, compartilhando a sensação de não estar mais no controle, expressa por McConell, políticos norte-americanos propõem uma reengenharia da Internet, de modo a "domesticá-la". A idéia é interferir diretamente na estrutura não-hierárquica da rede, de modo a promover a ascensão de um pólo articulador/centralizador do fluxo informacional. Curiosamente, a proposta vai de encontro aos objetivos dos próprios militares norte-americanos quando idealizaram uma

saída para possíveis quedas da comunicação entre espaços estratégicos num contexto de ataque nuclear (ROSENZWEIG, 2006).

O Pentágono tem dedicado cada vez mais atenção ao ciberespaço e alimenta, através de alguns dos seus especialistas, o discurso de um confronto cibernético iminente e a necessidade de uma prévia organização dos EUA. Cresce a atenção à Guerra Não-Convencional (na qual alta e baixa tecnologias trabalham hibridamente) e o *Cablegate* parece ter caído dos céus para os militares e analistas que exigiam mais recursos em ações de intervenção cibernética. Com o vazamento dos telegramas, a exibição de vídeos comprometedores, os *uploads* de dossiês sobre os rumos supostamente secretos das relações internacionais, a sensação de espanto é quase inevitável. Porém, há também uma histeria, existe uma interpretação belicista perigosamente alimentada. Há um medo politicamente proveitoso.

Sabe-se que a história do presente é feita de moradas provisórias. É um campo cuja lei é a da renovação. Nela a demanda social conta muito. Isto, evidentemente, não retira de nós a preocupação com os aspectos éticos típicos do nosso ofício. E da mesma forma que outros pesquisadores, o historiador do tempo presente trabalha com a ajuda de arquivos públicos ou privados. Na verdade, do ponto de vista metodológico, "já não existe (...) um método que esteja especificamente vinculado à história do tempo presente" (Cf. AZEMA, 1996: 736). Casos como o Wikileaks exigem reflexão sobre os rumos do nosso ofício.

O que o surgimento de portais como WL nos ensina? Fundamentalmente que não devemos encontrar nas dificuldades dos tempos recentes as desculpas para abandonarmos a busca pela totalidade. Claro, a história do tempo presente é campo inacabado, formado com recortes, em contínuo refazer. Mas é nesta busca incessante que reside a beleza e a força do nosso trabalho. Através desta caçada "por carne humana", buscamos entender a vida dos homens no tempo. Assim sendo, nos cabe seguir de perto os conselhos de Marc Bloch: "Essa faculdade de apreensão do que é vivo, eis justamente, com efeito, a qualidade mestra do historiador" (BLOCH, 2001:60-68).

Em meio a casos como este, em que milhares de documentos são disponibilizados de uma só vez, qual a postura a ser adotada? Provavelmente, a primeira coisa a considerar é que os procedimentos básicos de crítica não devem ser descartados.

Nosso trabalho ainda é o de questionamento, de esgrima com o documento. Porém, é verdade, não é mais possível trilhar um caminho fixo no caminho da pesquisa. Nos parece agora mais viável adotar uma espécie de "rigor flexível", como proposto por Carlo Ginzburg. Claro, a montagem de um expediente metodológico sempre merecerá ajustes, pois "ninguém aprende o ofício de conhecedor ou de diagnosticador limitando-se a pôr em prática regras preexistentes". É preciso considerar que "nesse tipo de conhecimento entram em jogo (...) elementos imponderáveis: faro, golpe de vista, intuição" (GINZBURG, 2002:179). Deste modo, ao enfrentarmos uma documentação que parece nos revelar tudo e é, ao mesmo tempo, fugidia, "líquida", como diria Zygmunt Bauman (2004), a observação do pormenor revelador, mais do que a dedução, será estratégica. A investigação apontará para "zonas privilegiadas", por "sinais, indícios" que permitam analisar o passado (GINZBURG, 2002: 166, 167, 177). Espera-se, assim, investigar não apenas os projetos propostos pelos conteúdos dos web sites, mas até mesmo os seus usos, suas apropriações, suas formas de consumo.

Por fim, é preciso considerar que os historiadores do tempo presente enfrentarão uma fartura inesperada, talvez até temida. Um medo que, por razões diferentes, é compartilhado pelos poderosos do mundo. Porém, os calafrios são provenientes não dos riscos provocados por garotos e seus teclados. O medo nasce das apropriações políticas que o ativismo cibernético pode produzir. O pesadelo está no *remake* indesejável dos dias da Guerra Fria. Diante disto, é fundamental que estejamos vigilantes no mesmo ritmo que envolve personagens como Julian Assange ou grupo Anonymous: *Wiki-wiki.*

Referências Bibliográficas

A LETTER from Anonymous. 9 dez. 2010. Disponível em: http://www.youtube.com/watch?v=WpwVfl3m32w. Acesso em 12/12/2010.

AZEMA, J.P.Tempo Presente. In: BURGUIÈRE, André. **Dicionário das Ciências Históricas**. Trad. Henrique de Araújo Mesquita. Imago, 1993.p.736-740.

BAUMAN, Zygmunt. **O amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos**. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004.

BLOCH, Marc. Passado e Presente. **Apologia da História ou O Ofício do Historiador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001. p.60-68

CALDERÓN, Verónica. El País. Disponível em: http://www.elpais.com/articulo/sociedad/Comienza/era/refugiado/digital/elpeputec/20090829elpepisoc_1/Tes. Acesso em 20/12/2010.

CARDOSO, Carlos Leonardo Loureiro. Cyberterrorismo. In: SILVA, Francisco Carlos Teixeira da. **Neoterrorismo: reflexões e glossário**.Rio de Janeiro: Gramma, 2009.p.304

CASTELLS, Manuel. A ciberguerra do Wikileaks. Disponível em http://www.observatoriodaimprensa.com.br 15/12/2010.

Cf. TEIXEIRA DA SILVA, Francisco Carlos. WikiLeaks - ou os poderosos também temem! **Revista Eletrônica Boletim do TEMPO**, Ano 6, Nº1, Rio, 2011. Disponível online via http://www.tempo.tempopresente.org/index.php?option=com_content&view=article&id=5534:wikileaks-ou-os-poderosos-tambem-temem&catid=222&Itemid=100076. Acesso:09/01/2011.

CHAUVEAU, Agnès, Tétart, Philippe. Questões para a história do presente. Bauru, SP: EDUSC, 1999.

CHRISTENSEN, Christian. Três mitos da era digital. **Le Monde Diplomatique Brasil**.Set.2009.p.37. Tecnologia

FRANK, Robert. Questões para as fontes do presente. In: CHAUVEAU, Agnès, Tétart, Philippe. **Questões para a história do presente**. Bauru, SP: EDUSC, 1999. p.103-118

GINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas e sinais: morfologia e história**. Trad. Frederico Carotti. São Paulo: Cia das Letras, 2002.

GOMES, Hélio. A Primeira Guerra digital. **Isto É**. 15 dez.2010. 134-138.

HARDING, Luke, LEIGH, David. **Wikileaks: a guerra de Julian Assange contra os segredos de Estado**. Campinas, SP: Verus, 2011.

http://cartilha.cert.br/conceitos/sec7.html acesso em 19/03/2008.

http://www.wired.com/threatlevel/2010/12/wikileaks-congress-pressure. Acesso em: 10/12/2010.

LANDLER, Mark, MARKOFF ,John. Estônia protagoniza primeira guerra virtual. http://g1.globo.com/Noticias/Tecnologia/0,,MRP45961-6174,00.html. Acesso em 18/12/2010.

LAS FILTRACIONES de WikiLeaks salpican a los gobiernos de medio mundo. Disponível on line: http://www.elmundo.es/elmundo/2010/11/29/internacional/1291026013.html Acesso: 09/12/2010.

LEWIS, J. A. **The "Korean" Cyber Attacks and Their Implications for Cyber Conflict. Center for Strategic and International Studies**. EUA,October 2009.

McCONNEL, Mike. Mike McConnell on how to win the cyber-war we're losing. Disponível online: http://www.washingtonpost.com/wp-dyn/content/article/2010/02/25. Acesso: 11/12/2010.

ROSENZWEIG, Roy.Wizards, Bureaucrats, Warriors & Hackers: Writing the History of the Internet. Disponível online: <http://chnm.gmu.edu/resources/essays/d/25> Acesso:15/03/2006.

Rush. **Test For Echo**. 1996.

SHEETER, Laura. Estônia acusa Rússia de "ataque Cibernético" ao país. http://www.bbc.co.uk/portuguese/reporterbbc/story/2007/05/ acesso em 18/12/2010. Ver ainda: TEIXEIRA, Duda. Uma guerra pela Internet. **Veja**, 23 mai.2007.p.74-75. Internacional.

SINGEL, Ryan. Dutch Arrest Teen for Pro-WikiLeaks Attack on Visa and MasterCard Websites.
http://www.wired.com/threatlevel/2010/12/wikileaks_anonymous_arrests/.Acesso: 12/12/2010.

THE *WIKILEAKS sex files: How two one-night stands sparked a worldwide hunt for Julian Assange. Disponível on line:* http://www.dailymail.co.uk/news/article-1336291/Wikileaks-Julian-Assanges-2-night-stands-spark-worldwide-hunt.html?ito=feeds-newsxml# acesso em 12/01/2011.

TORREBLANCA, José Ignacio. Wikileaks acaba con la diplomacia clásica. Disponível Online:
http://www.elpais.com/articulo/internacional/Wikileaks/acaba/diplomacia/clasica/
Acesso:29/11/2010.

UNESCO. A/RES/54/4923, diciembre de 1999.